

**Revista Vértices No. 14 (2013)**

Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

*Reshit Tsemichat Gueulatênu* – O Estado de Israel como o início do processo da redenção, na visão do Rabino Avraham Yitzchak Kook e seu filho Rabino Tzvi Yehuda.

*Reshit Tsemichat Geulatênu* – The State of Israel as the beginning of the redemption process, in the eyes of Rabbi Avraham Yitzchak Kook and his son Rabbi Tzvi Yehuda.

Rabino Saul Paves<sup>1</sup>

**RESUMO**

A criação do Estado de Israel representa uma mudança histórica com implicações geopolíticas, sociais e religiosas. O objetivo deste artigo é analisar este processo e seu significado sob a perspectiva do movimento Sionista religioso. Como este movimento interpreta os fatos históricos? Qual o sentido que o Estado tem? Quais as implicações e desdobramentos desta leitura?

**PALAVRAS-CHAVE**

Sionismo Religioso, Rabino Kook, Mizrahi, Gush Emunim, Messianismo.

**ABSTRACT**

The creation of the State of Israel represents a historic shift with geopolitical, social and religious implications. The purpose of this article is to analyze this process and its significance from the perspective of the Religious Zionist movement. How this movement interprets historical facts? What is the meaning of this State? What are the implications and ramifications of this reading?

**KEY-WORDS**

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Estudos Judaicos e Árabes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo. Diretor Pedagógico da Área Judaica do Colégio Iavne – São Paulo.  
ravsaul@gmail.com

Religious Zionism, Rabbi Kook, Mizrahi, Gush Emunim, Missianisim.

## Introdução

No dia 20 de Setembro de 1948, alguns meses após o estabelecimento do Estado de Israel, o jornal *Hazofe*, veículo oficial de comunicação do movimento sionista religioso em Israel, publicou pela primeira vez uma oração que havia sido redigida para o bem estar do país recém-estabelecido, conhecida como *Tefilá liShlom haMediná*.

Seu texto dizia:

Nosso Pai que está no Céu, Rocha de Israel e seu Redentor!  
Abençoa o Estado de Israel, Reshit Tsemichat Gueulatênu,  
princípio do crescimento de nossa Redenção. Ampara-o com  
Tua benevolência e estende sobre ele a tenda da Tua paz [...]  
(FRIDLIN, 1997, p. 364)

Esta oração foi escrita pelos Rabinos Chefes de Israel, Rabino Yitzhak Herzog e Rabino Ben Zion Meir Hai Uziel<sup>2</sup>. O termo cunhado pelos Rabinos, *Reshit Tsemichat Gueulatênu*, ou seja, *princípio do crescimento de nossa Redenção* denota o status messiânico que estes atribuíram ao processo de estabelecimento do Estado<sup>3</sup>. Esta era uma visão que seguia a tradição e os ideais alimentados pelo movimento sionista religioso, desde seus primeiros idealizadores, em meados do século XIX.

---

<sup>2</sup> Durante muitos anos houve um acirrado debate acerca da autoria desta oração. Muitos atribuíram ao escritor Shai Agnon, prêmio Nobel da Literatura, a autoria deste texto. Recentemente o Dr. Yoel Rappel provou que esta oração foi originalmente escrita pelos Rabinos Chefes Herzog e Uziel. Agnon somente auxiliou na formatação final de estilo literário do texto original proposto por ambos.

Vide: Rappel, Yoel. Hanoten Teshua: Tefilah L'shlom Hamalkhut. Seminar Paper, Schechter Institute, 1996. (não publicado). Citado por: Golikin, Rabbi Professor David. *Prayers for the Government and the State of Israel*. Volume 6, Issue No. 9, May 2006. Schechter Institute of Jewish Studies in Jerusalem.

<sup>3</sup> O Rabino Yehuda Amital (2006, p. 11), Rosh Yeshiva de Har Etzion, Alon Shevut, Israel, acredita que a motivação dos Rabinos Chefes no uso desta expressão está muito mais relacionada a uma visão pragmática e o reconhecimento da soberania de um Estado Judeu como um indício da redenção, mas não nos padrões de uma redenção messiânica.

O cunho dessa expressão despertou forte oposição entre diferentes círculos de pensadores<sup>4</sup>. Nos dias atuais, o uso deste termo como alusão e referência ao Estado de Israel é um tema ainda mais polêmico, até mesmo dentro dos círculos mais identificados com o sionismo religioso<sup>5</sup>.

O objetivo deste artigo é demonstrar o significado messiânico atribuído pelo sionismo religioso ao processo de retorno e reassentamento da Palestina, a partir do final do século XIX. Esta análise será feita principalmente a partir da leitura e interpretação de alguns textos dos principais mentores espirituais desta corrente nos tempos modernos, o Rabino Avraham Yitzhak Kook, primeiro Rabino-Chefe de Israel e de seu filho, Rabino Tzvi Yehuda Kook, líder da Yeshivá Merkaz haRav. Para sua melhor compreensão faremos uma breve retrospectiva histórica, contextualizando a produção destes dois líderes.

Cabe destacar que, segundo Waxman (1987, p. 184), desde seu início, ainda no século XIX, o movimento sionista religioso foi inspirado por uma visão messiânica. Esta atribuía um significado místico e divino ao processo de retorno dos judeus à Terra de Israel. Mas, é a partir da Guerra de 1967 que essa questão passa a ter implicações práticas e controversas dentro da política israelense.

Já Don-Yehiya (1994, p. 264) afirma que esse tipo de postura e militância assumida por alguns setores do movimento religioso sionista fez com que sua imagem passasse a ser associada ao nacionalismo radical. A tradição religiosa que, historicamente, sempre foi vista como passiva e politicamente

---

<sup>4</sup> Para um maior aprofundamento sobre este tema, Waxman recomenda a leitura do artigo de Walter S. Wurzbarger "Theological Implications of the State of Israel: The Jewish View – Messianic Perspectives". *Encyclopedia Judaica*, 1974 Year Book (Jerusalem, 1974), pp. 148-151.

<sup>5</sup> Vide artigo de: TZURIEL, Moshe. *HaOmnam Zo Hi Reshit Tzemichat Gueulatênu?* (Hebraico). *Tzibur veChevra*, Beit El, 10/01/2006, disponível em: <<http://www.yeshiva.org.il/midrash/shiur.asp?id=4313>>, acesso em: 19/12/2012, e SHARGAI, Nadav. *BaTzionut haDatit Mitlabtim: Eich Lachagog et Yom haAtzmaut?* (Hebraico). *Haaretz*, Tel Aviv, 01/05/2006, disponível em: <<http://www.haaretz.co.il/misc/1.1102329>>, acesso em: 19/12/2012, no qual o Rabino Shaar Yashuv Cohen propõe adicionar as palavras "que seja" no texto original, "que seja o principio do crescimento da nossa redenção". Em sua opinião, não temos elementos para afirmar conclusivamente que o Estado de Israel representa o início do processo da redenção. Ainda sim, ele considera que devemos rogar e pedir que este processo sinalize para a redenção final.

moderada, transforma-se em um modelo de radicalismo e, em alguns aspectos, fundamentalismo.

### Precursos do Sionismo Religioso

O judaísmo rabínico denomina *Galut*, ou seja, diáspora, a era que sucede a destruição do Segundo Templo, em 70 E.C. Esta é uma época marcada principalmente pela falta de autonomia política, cultural e religiosa, quando grande parte do povo se encontra distante de seu centro nacional e religioso. Nas palavras de Safran (2005, p. 36): “Diáspora traz uma conotação de desenraizamento, ausência de direitos, opressão e, geralmente, ajuste doloroso ao país hospedeiro cuja hospitalidade era insegura e efêmera.”<sup>6</sup>

A diáspora possui um significado histórico para o povo judeu. Ela está associada a uma punição divina sobre o povo que não cumpriu adequadamente os preceitos e os deveres prescritos na Torá. Sendo assim, a diáspora é uma situação temporária, um período de expiação dos pecados e aprimoramento moral e espiritual, para que o povo mereça novamente retornar a sua terra natal.

Durante séculos judeus anseiam pelo retorno a sua Terra Prometida. Esta crença está associada a uma figura mística, a do Messias, o redentor que trará de volta o povo de seu exílio, reestabelecerá a soberania política. Embora a figura do Messias não esteja citada na Torá, a literatura rabínica, principalmente a literatura talmúdica, explora esta figura e formata este conceito. Este conceito é tão central na religião judaica que Maimônides o elenca como um dos treze princípios da fé<sup>7</sup>: “Eu creio com fé completa na vinda do Messias, e apesar dele tardar em vir, contudo esperá-lo-ei em cada dia.”<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Cabe destacar outra observação feita por Safran (2005, p. 41) em que diz: “para o povo judeu o conceito diáspora tem uma associação direta com aspectos religiosos. Diáspora contempla a ideia de um povo escolhido, ou moralmente superior, um povo unindo as comunidades da terra natal com as da terra anfitriã e uma terra natal escolhida por D’us para perpetuar a mensagem divina”.

<sup>7</sup> Maimônides na introdução do Capítulo Chelek (10º Capítulo) do tratado de San’hedrin elabora uma lista completa dos Treze Princípios da Fé Judaica. Vide MAIMÔNIDES. *Hakdamá lePerek Chelek*. 10ª Edição. Jerusalém: Mossad haRav Kook, 1989, p. 147. Ele cita ali que há uma

Apesar desta forte crença, a tradição rabínica desaconselhava que se tentasse indicar quando isto ocorreria<sup>9</sup>. Historicamente houve alguns movimentos que tentaram estabelecer uma data para a revelação do Messias. Alguns líderes inclusive se autoproclamaram Messias. O próprio Maimônides lidou com esta questão numa de suas epístolas, a qual dirigiu para os judeus do Iêmen, que sofriam fortes perseguições pelo governo local, devido a um falso Messias estar instigando o povo a segui-lo<sup>10</sup>.

Nesse contexto, o personagem mais conhecido e que causou mais frustração entre os judeus da Europa, foi Shabetai Tzvi. Sua conversão ao islamismo em 1666 causou um grande impacto nas comunidades judaicas<sup>11</sup>. Dentro deste cenário, Waxman (1987, p. 176) cita que havia uma forte crença que o ano de 1840 (5600 pelo calendário judaico) representaria a chegada do Messias. Essa crença acabou influenciando muitas comunidades na Europa Oriental.

Algumas lideranças rabínicas incentivaram seus discípulos a viajarem e se estabelecerem em Israel, preparando as bases para a chegada do Messias. Esses movimentos marcam as primeiras *alioth* (migrações para Israel) de grupos organizados da era moderna. Os seguidores do mestre hassídico, Rabi Israel Baal Shem Tov, e do líder do judaísmo lituano, Rabi Eliahu de Vilna, o Gaon de Vilna, estabelecem, no início do século XIX, as primeiras comunidades de ashkenazim nas cidades de Jerusalém e Safed.

Esse movimento inspirou também os mentores espirituais e idealizadores do movimento sionista religioso, os Rabinos Zvi Hirsch Kalisher (1795-1874) e Yehuda Alkalai (1798-1878).

---

alusão e menção na Torá para este conceito e, portanto, aquele que não acredita na vinda do Messias, pode ser considerado um herege.

<sup>8</sup> Fridlin, Jairo. *Os Treze Princípios da Fé Judaica*. Sidur Completo, São Paulo: Ed. Sefer, 1997, p. 120.

<sup>9</sup> O Talmud (San'hedrin 97b) afirma: "que se evapore a alma daqueles que contabilizam e indicam o momento da vinda do Messias" (tradução nossa).

<sup>10</sup> Vide MAIMONIDES. *A Epístola do Iêmen*. Editora Maayanot. São Paulo: 1996, p.49-61.

<sup>11</sup> Eban, Abba. *A História do Povo Judeu*. Bloch Editores. 4ª ed. Rio de Janeiro, 1982, pp.200-205. Ver também Scholem, Gershom. *Sabatai Tzvi. O Messias Místico*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

A principal inovação desses importantes sábios foi criticar a crença popular de que o Messias chegaria através de um processo divino. Nesta visão não cabia ao homem qualquer tipo de interferência ou participação no processo. Era a intervenção divina, e somente ela que definiria o momento desta revelação<sup>12</sup>.

A fundamentação para esta crença está ligada a uma passagem talmúdica em que está relatado que no momento da destruição do Segundo Templo, quando o povo foi exilado, Deus estabeleceu três juramentos que deveriam ser cumpridos, como parte daquele decreto: que o povo não poderia retornar à Terra de Israel à força, que eles não poderia retornar à Terra de Israel sem o consentimento das nações; e que as nações do mundo não poderiam subjugar e fazer o povo judeu sofrer excessivamente (Talmud, Ketubot 111a).

O Rabino Kalisher escreveu em 1862 sua obra magna, *Drishat Tzion*, na qual afirma:

Ninguém deveria acreditar que a redenção do povo de Israel e a revelação do nosso Messias, quem nós aguardamos cada dia, chegará através de uma repentina descida de D'us sobre a Terra, dizendo para seus filhos: 'Saíam' (do exílio. N.T.) ou que repentinamente o Messias tocará seu Shofar para reunir os judeus dispersos pelo Mundo.

**O início da redenção será provocado por causas naturais e pela boa vontade das nações em reunir parte do povo disperso.** (grifo nosso)<sup>13</sup>

Somente então, quando uma parcela do povo já estiver estabelecida na Terra de Israel, é que D'us irá nos confortar e trará a redenção completa [...].<sup>14</sup>

O Rabino Kalisher, além de defender o processo de redenção no qual o homem é um agente ativo, indica alguns passos concretos a serem seguidos para atingir este objetivo. Entre eles estão o estabelecimento de cooperativas

<sup>12</sup> Waxman, 1987, p. 176.

<sup>13</sup> Segundo as promessas citadas acima, uma das condições para o retorno do povo à Terra de Israel é haver o consentimento e apoio das nações do Mundo. Este aspecto é importante e mereceu uma proclamação por parte do Rav A. Y. Kook, após a Declaração Balfour, como veremos adiante. Já o Rabino Reiness propõe que uma vez que todo este processo tem sido inspirado por D'us, não há transgressão das promessas.

<sup>14</sup> Tradução livre de KALISCHER, Rabbi Zvi Hirsch. *Drishat Tzion* (Hebraico). Jerusalém: Editora Shmuel haLevi Zuckerman, Jerusalém, 1929, p. 23-24. Disponível em: < <http://hebrewbooks.org/38529>>, acesso em: 19/12/2012.

agrícolas e a criação de uma escola de agricultura. Ambas as recomendações se transformaram em realidade e marcaram o início do processo de assentamento da terra de Israel.

O Rabino Alkalai segue a mesma linha proposta pelo Rabino Kalisher, que afirma que a redenção está associada a um processo no qual o homem tem participação efetiva e direta. Mas um dos pontos básicos de sua doutrina é a afirmação de que, apesar da revelação do Messias, descendente do rei David, não estar em nossas mãos, há algumas etapas deste processo, incluindo a chegada do Messias descendente de Yossef, que depende de nós. Nossa obrigação consiste em preparar as bases materiais para que o processo de redenção se concretize<sup>15</sup>.

O Rabino Alkalai advoga não só pela redenção da terra, mas também pela redenção do povo. O prolongado exílio e a dispersão do povo pelos quatro cantos do mundo fez com que perdesse sua identidade nacional, a qual precisa ser reconstruída e reformatada. Uma de suas propostas é retomar o uso da língua hebraica como agente de aproximação e reorganização da identidade nacional. Através da língua o povo judeu pode voltar a assumir uma identidade única<sup>16</sup>.

Ele propõe também uma campanha política para conseguir a autorização do Sultão para o assentamento judaico que estava defendendo. Além disso, sugere o estabelecimento de um sistema bancário, que também ajudasse a fomentar o trabalho na terra.

### O Movimento Sionista e o Movimento Sionista Religioso

Com o advento do movimento sionista, principalmente de seu braço político, organizado a partir do 1º Congresso Sionista realizado na cidade da

---

<sup>15</sup> ALKALAI, Rabbi Yehuda. *Minchat Yehuda*, em: Kitvei HaRav Yehuda Alkalai. Yitzchak Rafael [ed.]. Jerusalém, 1974, vol. I, p. 256. Esta distinção entre a redenção do Messias descendente do rei David e do Messias descendente de José também será usada pelo Rabino A. Y. Kook.

<sup>16</sup> Vide artigo Carmia KOTLER. A língua Hebraica e o nacionalismo Judaico. *Revista Vértices*, out. 2011, pp. 97-109. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/vertices/article/view/21>>, acesso em: 19/12/2012, no qual a autora faz um panorama sobre a importância da língua hebraica como um componente na reconstrução da identidade nacional judaica.

Basileia, na Suíça, em 1897, a questão sionista passa a ter um caráter muito mais pragmático e realista.

Esse movimento, encabeçado pela lendária figura de Theodor Herzl, lança as bases e a plataforma do movimento sionista. Este é um dos pontos principais definidos na Basileia:

O Sionismo busca estabelecer para o Povo Judeu um Lar Nacional na Palestina etc. promover assentamentos agrícolas, artesãos, comércio e fortalecer o sentimento e a consciência judaica.

O sionismo foi um movimento secular, liderado por pessoas laicas. Mas dentro de suas metas e propostas, não havia nenhum item concreto que representasse algum empecilho para participação da comunidade religiosa. Apesar de uma parte da comunidade ortodoxa recusar qualquer tipo de participação ativa ou envolvimento na causa sionista, muitos rabinos da época apoiaram o início deste movimento, alguns deles participando ativamente daquele primeiro Congresso. Eles entendiam que o objetivo de estabelecer uma pátria para o povo judeu seria positivo e benéfico para as comunidades e, embora reconhecessem as diferenças ideológicas e religiosas, decidiram participar do movimento, para que o objetivo maior fosse alcançado.

Porém, no 5º Congresso Sionista, em 1901, o tema Cultura é posto em debate pela seção democrática do movimento. Este grupo defendia que o movimento sionista não deveria ficar restrito somente ao campo político e econômico, criando as bases para o futuro Estado. Na sua visão, o movimento deveria expandir suas atividades para iniciativas ligadas à educação laica, preparando as futuras gerações que estruturariam o Estado. Esse tema feria aos interesses dos religiosos, uma vez que advogava e defendia um sistema educacional com padrões e valores não compatíveis com a Torá e a tradição judaica religiosa.

Como resposta a essa iniciativa, em 1902, o Rabino Yaacov Reiness<sup>17</sup> (1839-1915), da cidade de Lida, Lituânia, convoca rabinos e lideranças laicas

---

<sup>17</sup> Waxman (1987, p.190) recomenda bibliografia sobre o Rabino Reiness – vide nota 54.



para participarem de um congresso na cidade de Vilna. Ali é fundado o movimento Mizrahi, cujo acrônimo significa *Merkaz Ruchani*, ou seja, centro espiritual. A intenção não é de uma cisão com o movimento sionista, mas sim a de criar uma facção com representatividade e que irá atuar em parceria com o Congresso Sionista, o qual vai defender e influenciar com suas diretrizes e perspectivas religiosas.

O Rabino Zeev Yaabetz, um dos teóricos deste movimento, afirma no documento de fundação do Mizrahi:

O sionismo não vem somente estabelecer um Miklat (refúgio) seguro para nosso povo espalhado. Ele vem para redimir nossas almas – pois no Exílio pelo qual estamos dispersos a alma de nossa Nação, representada pela Torá, não pode ser cumprida e aplicada em todas suas dimensões etc. Portanto o retorno a Zion promoverá um porto seguro e também estimulará as características ímpares de nosso povo, uma fortaleza para nossa alma e segurança para nossa Torá.<sup>18</sup>

O Movimento Mizrahi se transformou no braço político e organizado dos sionistas religiosos, tendo participação efetiva dentro do movimento sionista na fundação do Estado de Israel.

Na visão do Mizrahi, o sionismo não deve somente lutar pelo estabelecimento de um estado soberano. Há um forte aspecto religioso e espiritual em suas bases. O movimento de retorno a Israel tem objetivo de aproximar o povo da Torá. Essa visão é muito semelhante à dos Rabinos Kalisher e Alkalai, que entendem tal processo numa perspectiva de meta-história, ou seja, para um objetivo divino maior e mais intenso.

Contudo, Waxman (1987, p.190) considera que o Rabino Reiness representava o setor do movimento sionista religioso que olhava para o movimento sionista em termos pragmáticos<sup>19</sup>, ou seja, um movimento cujo

---

<sup>18</sup> Trecho do Kol Korê (chamado), redigido pelo Rabino Zeev Yaavetz em Adar II 5662 (Março de 1902). Citado em: MAIMON, Yehuda Leib. *Hatzionut haDatit veHitpatchutá* (Hebraico). Jerusalém: Hahistadrut haTzionit haDatit, 1937, p. 288-290.

<sup>19</sup> Em *Triumph of Survival*, de Rabbi Berel Wein. Shaar Press, New York: 2004, p. 242, nota de rodapé 40, há uma referência para o livro *Ish HaMoarot*, de Geulah bat Yehuda, Jerusalém: 1985, p. 81, na qual o Rabino Reiness afirma: “Nossos esforços em prol do assentamento da Palestina não têm nenhuma relação com a ideia de redenção Messiânica do Povo Judeu.”

objetivo era proteger e melhorar as condições materiais do povo judeu<sup>20</sup>. Neste contexto, ele considera o Rabino Avraham Yitzhak Kook como representante mais importante do segmento dos sionistas religiosos que atribuem outro significado ao movimento sionista. Na visão do Rav Kook esse período deve ser denominado de *'Ikvetha deMeshichá'*, ou seja, as pegadas do Messias.

#### Rabino Avraham Yitzhak Kook

O Rabino Kook (1865-1935) estudou na grande Yeshivá de Volozhin, Lituânia, sob a tutela do Rabino Naftali Tzvi Yehuda Berlin. Ali ele se destacou nos estudos da Torá, principalmente do Talmud e seus comentaristas. Entre os anos 1888 a 1894 ele assume o rabinato em diferentes cidades da Lituânia. No ano de 1894, o Rabino Kook é convidado a assumir o rabinato na cidade de Jaffa (Yafo), que possuía, na época, uma expressiva comunidade judaica. Naquela fase, Rabino Kook entra em contato com os pioneiros das primeiras Aliot, os *chalutzim*, em geral agricultores que tentavam estabelecer novas colônias. Apesar das diferenças religiosas, ele fica muito impressionado com sinceridade e idealismo daquelas pessoas, que estavam dispostas a fazer grandes esforços para o ideal nacional sionista<sup>21</sup>.

Após o falecimento de Theodor Herzl, em 1904, Rabino Kook profere um discurso fúnebre em homenagem a este importante líder. Neste discurso, conhecido como *HaMisped biYerushalaim*, ele apresenta sua interpretação acerca do movimento sionista em geral, e sobre a figura de seu líder, Herzl, em particular. O Rabino Kook expõe que o processo de redenção descrito na

---

<sup>20</sup> Cabe notar outro episódio no qual o tema Cultura novamente foi debatido, no 10º Congresso Sionista. Houve uma acirrada disputa interna no Mizrahi, e o Rabino Reiness defendeu a permanência do grupo no Congresso Sionista dizendo a seguinte frase: "prefiro estar entre os Sionistas laicos, cujo objetivo é unificar o povo, que atuar ao lado dos Charedim piedosos, que desejam a separação e segregação". Rabbi Berl Wein, *ibid.*"

<sup>21</sup> KOOK, Rabino Avraham Yitzhak. Maamar haDor, em *Eder haYakar*. (Hebraico) Jerusalém: Mossad haRav Kook, 1967, pp. 107-116. Neste artigo o Rav Kook fala sobre a grandeza espiritual daquela geração de pioneiros. Apesar de estarem longe das tradições da Torá, eles são movidos por um grande idealismo. O rabino acredita que este afastamento faz parte de um processo descrito na Cabalá como *Shevirat haKelim*, ou seja, a quebra dos utensílios. Para que esta geração desenvolva um novo tipo de judaísmo, desvinculado dos valores negativos de milênios na diáspora, há necessidade de rompimento com os padrões vigentes. Esse abandono, na visão do Rav Kook é temporário, pois esses jovens voltarão ao judaísmo com muito mais intensidade e vigor.



Belfer (1997, p. 321) sintetiza a visão do Rabino Kook como uma fusão de uma visão particularista sobre o retorno do povo judeu à Terra de Israel, e um objetivo universal de salvação da humanidade. De um lado é uma visão ancorada em processos históricos e políticos, de outro aspira a uma espiritualidade abrangente, como objetivo máximo da história.

Na ocasião da criação do Mizrahi, o Rabino Kook envia um carta para um dos líderes deste movimento, Rabino Meir Bar Ilan, onde descreve qual deveria ser a atuação deste movimento:

O Mizrahi deve procurar sempre exteriorizar o conteúdo e a essência do movimento de ressurreição do povo, lutando contra a crença popular que o sionismo não tem nenhuma relação com a religião. Esta afirmação concentra em si um perigoso veneno que pode destruir a força interna do povo. O Mizrahi deve fazer iluminar com os mais profundos pensamentos o sionismo encontrando sempre as sementes de vida que se nutrem da força de santidade divina, e que inspiram este movimento de ressurreição nacional. (Mossad haRav Kook, 2002, vol. II, p. 164, tradução livre)

Outro ponto importante para entender o contexto e a visão do Rabino Kook é a reação positiva sobre a Declaração Balfour de 1917, na qual o governo de Sua Majestade, o rei da Grã-Bretanha, afirma e reconhecer o direito do povo judeu em estabelecer um Lar Nacional na Palestina. Ele escreve uma carta ao Lord Rotschild dizendo:

E que este grande mérito em anunciar a primeira etapa que faz brotar a redenção de Israel esteja ao seu lado para que possa ver em breve a concretização completa e gloriosa 'pois Yehuda será redimido, e Israel viverá tranquilamente em suas terras' e que nosso reino represente uma fortaleza e uma proteção para a Paz Universal e eterna. (Mossad haRav Kook, 2002, vol. III, p. 130)<sup>24</sup>

---

Abarbanel, que entende a época messiânica como uma era na qual os conceitos da Lei divina serão difundidos pelo Mundo e a humanidade atingirá uma nova condição espiritual.

<sup>24</sup> Tradução livre do trecho original:

Em 1921, o Governador Geral da Palestina, Sir Herbert Samuel, propõe estabelecer um Rabinato Central que representasse a liderança espiritual do povo. O Rabino Kook é convidado a assumir o cargo de primeiro Rabino Chefe Ashkenazi. Naquela ocasião o rabino novamente demonstra, com entusiasmo, sua visão sobre o momento histórico de renascimento que o povo vive. Esse renascimento não está restrito ao retorno e reassentamento da terra, mas também a uma reconstrução do espírito. E neste item, cabe às lideranças rabínicas e espirituais do povo indicar o caminho e a amplitude desta reconstrução:

Os Rabinos precisam estar no topo do renascimento nacional, e se empenharem com o povo em todos os segmentos da vida, na construção e na criação Nacional. A inspiração das palavras Divinas deve atingir todas as esferas da vida, impedindo que a sociedade considere o rabinato uma instituição com perspectivas limitadas ou exclusivas de um grupo etc. até mesmo os grupos e partidos mais afastados dos preceitos religiosos podem ser influenciados positivamente pelo rabinato. (KOOK, Rabino Avraham Yitzhak. *Techiat haKodesh* em: *Maamarei haRaya* (Hebraico). Jerusalém: Keren Al Shem Golda Katz, 1988, vol. I, p. 49.)<sup>25</sup>

Rav Kook entendia que para suprir as necessidades espirituais e atender à nova realidade que o Yishuv representava, seria necessário criar um novo modelo de Yeshivá, onde ele pretendia preparar as futuras lideranças do povo.

Em 1923, o Rabino Kook, já em Jerusalém, funda a Yeshivá haMerkazit haOlamit, que passaria a ser chamada, após seu falecimento, Yeshivat Merkaz haRav, em sua homenagem. Essa Yeshivá passa a ter um papel central no cenário religioso e político, principalmente após o estabelecimento do Estado de Israel.

Don Yehiya (1994, p. 267) afirma que a Yeshivá Merkaz haRav representava um novo tipo de resposta ao Sionismo e à modernidade, na

---

<sup>25</sup> Tradução livre do trecho original:

medida em que lá, o Rabino Kook adota uma linha **expansionista** que é a de expandir a influência religiosa para todas as instâncias e aspectos da vida individual e social. A partir dessa visão, até mesmo o modernismo passa a ter um significado religioso<sup>26</sup>.

O Rabino Kook falece em 1935, antes do estabelecimento do Estado de Israel. Outro evento histórico que o Rabino Kook não acompanhou foi o Holocausto e o assassinato de 6 milhões de judeus da Europa. Apesar de todo entusiasmo e das recorrentes afirmações de estar vivendo numa época que marca o início da redenção, alguns críticos<sup>27</sup> afirmam ser difícil sustentar esta visão após 1945.

#### Rabino Tzvi Yehuda Kook (1891-1982)

Ele foi o herdeiro espiritual de seu pai, além de editar grande parte dos manuscritos deixados pelo Rav Kook.

Há um grande debate se o Rabino Tzvi Yehuda representa fielmente a concretização e implementação prática das ideias e ideologia proposta pelo seu pai, ou se de alguma forma o Rabino Tzvi Yehuda representa um desvio, tendo criado uma visão própria sobre o Estado de Israel e o sionismo religioso.

Belfer (1994, pp. 315-318) levanta esta questão, apresentando diferentes linhas de pensamento. Os seguidores do Rabino Tzvi Yehuda o consideram totalmente fiel aos ensinamentos do pai. Até mesmo por ter sido o compilador e editor de suas obras, ele foi a autoridade máxima para interpretar os textos do Rav Kook pai. Pela própria complexidade dos textos e escritos do pai, muitos dos quais estavam ligados a conceitos complexos de Cabalá, e pela própria mudança de contexto (o Rabino Tzvi Yehuda vive na época posterior ao estabelecimento do Estado) permitem este tipo de especulação.

---

<sup>26</sup> Don Yehiya (1994, p. 266) cita 4 tipos diferentes de reação: isolamento ou afastamento; adaptação; compartimentalização e expansão. Em sua opinião tanto o isolamento quanto a expansão representam manifestações de fundamentalismo.

<sup>27</sup> Rabino Amital (2006, p. 11).

De outro lado, há uma lista de críticos que se opõem a essa linha de pensamento. Estes defendem que o Rabino Tzvi Yehuda e seus seguidores não foram fiéis aos textos do Rav Kook pai, em sua linha de interpretação. Eles buscaram outras respostas à nova realidade em que viveram, misturando elementos de fundamentalismo religioso e ativismo político<sup>28</sup>.

Indiscutivelmente, o Rabino Tzvi Yehuda Kook foi um líder carismático, que incentivou seus alunos a um engajamento político e a uma ação concreta para estabelecer um novo mapa geopolítico do Estado de Israel. Ele inspirou e liderou o movimento de Gush Emunim, que opera a partir de 1974 no estabelecimento de assentamentos nos territórios conquistados na Guerra de 1967, criando uma nova agenda política, militar, econômica, social e diplomática para governos de Israel.

Porém Waxman (1987, p. 185) alerta para o fato de que, pela primeira vez na história judaica, o messianismo foi usado para legitimar ações que desafiaram um governo eleito pelo pleito democrático. Nesse contexto, ele comenta que as bases do movimento messiânico chegam a questionar a legitimidade do Estado Judeu e do processo democrático, quando estas não atendem às expectativas e anseios do movimento.

Num discurso proferido na noite de *Yom HaAtzmaut* (dia que é comemorada a independência do Estado de Israel), de 1967, algumas semanas antes do início da guerra, o Rabino Tzvi Yehuda aborda algumas questões essenciais para compreender sua filosofia e para entender parcialmente alguns aspectos que levaram à criação do movimento de Gush Emunim<sup>29</sup>.

---

<sup>28</sup> A opinião da autora é que ambas as linhas estão corretas. Em certos aspectos, o Rav Tzvi Yehuda pode sim ser considerado herdeiro e seguidor de seu pai. Mas há elementos novos em sua produção e em seus discursos. Parte desta mudança a autora atribui ao Holocausto, que traz dilemas e questões sobre as quais o Rabino A.Y. Kook não se manifestou. Além disso, essa diferença está relacionada ao próprio estabelecimento do Estado, que traz uma nova gama de desafios, questões e dilemas.

<sup>29</sup> KOOK, Rabino Tzvi Yehuda. Mizmor 19. Em *Eretz haTzvi*. Disponível em: <<http://www.yeshiva.org.il/midrash/shiur.asp?id=2282>>, acesso em 16/10/2013. Este discurso é muito conhecido e importante para entender um pouco sobre o Rab. Tzvi Yehuda.

Entre outros temas abordados, ele afirma abertamente que os milagres e acontecimentos envolvendo o estabelecimento do Estado de Israel podem atribuir certamente o status de *Atchaltá diGuelá*, ou seja, o início de nossa redenção.

Outra questão abordada naquele discurso foi a grande decepção do Rab. Tzvi Yehuda por conta da proclamação do Estado. “A minha terra foi dividida!!! Onde esta Hevron? Onde está Shchem? E Yerichó? E as margens orientais do rio Jordão?” (Mizmor 19. Eretz haTzvi), notícia que ele recebeu silenciosamente em 1948. Dentro de uma perspectiva messiânica é possível compreender a frustração do rabino, uma vez que o processo idealizado ainda não se mostrou completo.

Naquele mesmo ano, alguns meses após a fulminante vitória militar da guerra de 67, o povo vivia uma condição de êxtase<sup>30</sup>. Mas o governo se mostrou inseguro e incerto sobre o destino dos territórios conquistados.

O Rabino Tzvi Yehuda escreve um manifesto ao governo no qual fala sobre a importância e o dever de se assentar aqueles territórios, e já alerta sobre a proibição *haláchica* em devolver qualquer porção territorial que fora conquistada na guerra. Nesse manifesto, conhecido como *Lo Taguru!*, ou Não temam!, o Rabino Tzvi Yehuda expõe claramente que “qualquer oposição a este tipo de ideologia, qualquer ato que contrarie os princípios da *Halachá*, não tem nenhum valor concreto nem jurídico.”<sup>31</sup>

Não há dúvida de que este manifesto plantou as sementes do movimento Gush Emunim, bem como teve implicações profundas nas negociações de paz, a começar pelo tratado de Camp David, que previa entre

---

<sup>30</sup> Rabino Yehuda Amital (2006, p.12) comenta que naquele momento para uma grande parcela da sociedade israelense o significado do Estado de Israel passa a estar muito mais associado ao controle da Terra de Israel do que ao fato de ele representar uma soberania judaica, autonomia e liberdade. Para essas pessoas, a vitória na Guerra representava um milagre revelado e uma prova irrefutável da iminente redenção messiânica.

<sup>31</sup> Devido à relevância desta afirmação e suas consequências tanto na perspectiva histórica quanto *haláchica*, segue o trecho na íntegra:



outros acordos a evacuação do assentamento de Yamit. Este ocorre em 1982, após o falecimento do Rabino Tzvi Yehuda. Mas as reações dos colonos e sua recusa em abandonar o assentamento criaram uma forte reação popular. Segundo Aran (1991, p. 284) após este incidente o movimento de Gush Emunim ficou isolado e desprezado, até mesmo por amigos e apoiadores, uma vez que tentou sabotar um processo de paz tão desejado, e levantou suas mãos contra os próprios soldados do exército.

Infelizmente, este tema voltou à tona em 2005, com a retirada e esvaziamento dos assentamentos judaicos na Faixa de Gaza, bem como alguns assentamentos na Samária.

Naquele episódio, as palavras do Rabino Tzvi Yehuda serviram novamente de base para um intenso debate acerca da legitimidade do governo israelense em determinar tal processo de retirada. Esse debate se desdobrou em outras questões como, por exemplo, a possibilidade e até mesmo o dever *haláchico* de recusar ordens no Exército, *Seruv Pekudá*, quando estas se contrapusessem a princípios éticos, morais ou determinações da Torá<sup>32</sup>.

Há também outro debate *haláchico* no que diz respeito à proibição de devolução de qualquer território de Eretz Israel. Esta proibição é citada no manifesto do Rabino Tzvi Yehuda, porém este tema não é consensual entre os legisladores da *Halachá*, ou seja, jurisprudência judaica.<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> Este foi tema de grande discussão entre o Rabino Avraham Shapira, Rosh Yeshiva de Mercaz haRav, que sinalizava e orientava seus alunos a recusarem ordens de seus superiores, caso estas ferissem suas crenças ideológicas e *haláchicas*. De outro lado, o Rabino Dr. Aharon Lichtenstein, Rosh Yeshiva de Har Etzion, Alon Shevut, Gush Etzion, foram categoricamente contra este posicionamento, alertando para os perigos de um exército em que cada soldado faz suas avaliações de consciência ou segue suas determinações *haláchicas*. Vide artigo do Rabino Lichtenstein em <http://www.etzion.org.il/dk/5765/982mazav.htm>. Vide também artigo do Berger, Dr. Michael: "The Halakhic Basis for disobedience in a Democratic State". *Tolerance, Dissent and Democracy. The Orthodox Forum*. Ed. Moshe Sokol. Jason Aronson, New York, 1994, pp. 175-231.

<sup>33</sup> Para maior aprofundamento no tema sugiro a leitura dos artigos do Rabino Ovadia Yossef e Rabino Shaul Israeli. *Techumin*, vol. 10. Instituto Tzomet, Alon Shevut, Israel, 1989, pp. 34-61. O Rabino Yossef ficou conhecido por ter uma posição mais leniente e flexível neste tema, possibilitando com base na Halachá a devolução de territórios em benefício do processo de paz.

## Conclusão

Belfer (1994, pp 357-358) cita uma diferença marcante entre a doutrina sionista do Rabino Kook e de seu filho, Rav Tzvi Yehuda. O pai adotou o renascimento nacional como um requisito necessário para um despertar espiritual. À sua frente estava um povo que saía de uma condição de letargia, após quase 2.000 anos de diáspora. A partir de uma ressurreição nacional seria possível para o povo reassumir um papel de referência moral, religiosa, ética e espiritual.

O filho, por sua vez, aderindo intensamente aos princípios do pai, assume uma postura de extrema santificação do Estado. Afinal, uma vez que este é proclamado, ele é interpretado como uma indicação de um processo metafísico de redenção. Neste contexto há uma distorção e confusão entre os meios e os fins. O processo de glorificação leva a um compromisso completo com o Estado. Porém este compromisso é com o Estado idealizado, ou seja, aquele que representa o ideal almejado. Isto provoca uma leitura distorcida da realidade, considerando já estarmos vivendo numa era messiânica – fato que demandaria uma total posse territorial, ou seja, *Eretz Israel haShleima*, uma extensão territorial ampla, segundo as fronteiras do Israel bíblico. Mas, uma vez que a agenda do governo não é compatível com esta leitura da realidade, a diretriz política do Rav Tzvi Yehuda migra do extremo de lealdade para um pólo de deslegitimação do Estado. Esta ocorre quando questões como a retirada e devolução de territórios são propostas pela agenda política.

Esse movimento tem causado um olhar crítico e cauteloso da sociedade israelense para o grupo que outrora chegou a ser considerado herdeiro ideológico do movimento sionista e dos pioneiros, os *Chalutzim*.

Aran (1991, p. 332) considera que essa crise tem levado a uma migração de uma “Religião Sionista” para o antigo conceito de “Sionismo religioso”, onde ambos os valores são mutuamente autônomos.

É importante considerar que a linha ideológica do Rabino Kook e de seu filho constitui, em grande parte, a principal inspiração para o movimento sionista religioso israelense.

Isso se deve ao fato de que a Yeshivat Mercaz haRav alimentou as bases das instituições educacionais que foram criadas para esse segmento da sociedade, propagando assim sua doutrina e seus ensinamentos. Desde a fundação do Movimento Juvenil Bnei Akiva, que já em sua criação, no ano de 1929, recebeu encorajamento do Rav Kook, até o estabelecimento de uma rede de escolas do Ensino médio para meninos, as *Yeshivot Tichoniot*, e para as meninas, as *Ulpenot*, encabeçadas pelo Rabino Moshe Tzvi Neria, um dos discípulos do Rabino Kook. A própria criação das *Yeshivot Hesder* - centros de estudos talmúdicos concomitantes ao serviço militar, e das *Mechinot Kedam Tzevaiot* – centros preparatórios de estudos religiosos, que antecedem o alistamento militar, foi encabeçada em grande parte por alunos e seguidores do Rabino Kook.

Hoje se faz necessário ecoar novas vozes e lideranças religiosas e políticas para este segmento da sociedade. Principalmente vozes que remetam a um sionismo religioso mais realista e pragmático<sup>34</sup>. Provavelmente este represente um sionismo religioso mais próximo daquele defendido pelo Rabino Reiness.

Schwartz (2006, pp.67-70) apresenta a ideologia do Rabino Yossef Dov Soloveitchik, conhecido simplesmente como “o Rav”, como uma alternativa Religiosa Sionista mais real e compatível com o cenário político, social e religioso desta geração<sup>35</sup>.

Diferente do sionismo do Rabino Kook, alimentado essencialmente por uma leitura metafísica da história, com interpretações teológicas dos fatos históricos, o Rabino Soloveitchik foca sua mensagem em questões do significado histórico, a perspectiva e as implicações *haláchicas* que os eventos deste último século, principalmente o estabelecimento do Estado de Israel, promovem. Neste contexto, “o Rav” pode ser visto como o principal porta-voz

---

<sup>34</sup> Nas palavras do Rabino Amital (2006, p. 11) “Em 1948 nós não falamos sobre o Messias. Nós rezamos pelo reestabelecimento de *Malchut Israel*, ou seja, do Reino de Israel e nos contentamos com uma soberania política, semelhante àquela obtida na época do 2º Templo”.

<sup>35</sup> O Rabino Yossef Dov Soloveitchik foi um dos maiores líderes religiosos da Ortodoxia Moderna nos Estados Unidos. Por quase cinco décadas ele foi o Rosh Yeshivá em Yeshivá University. O discurso *Kol Dodi Dofek*, um ensaio sobre o estabelecimento do Estado de Israel, proferido em 1956, tornou-se referência obrigatória nos debates sobre o significado da criação do Estado e suas implicações religiosas.

de uma ideologia instrumentalista. A *halachá* em todas as suas dimensões, e sua implementação plena, que só é possível na terra de Israel, substituem uma significação metafísica da história, que pode levar à frustração e colapso de uma ideologia. Viver concretamente na terra de Israel é a realização desta visão.

Não podemos esquecer que o Rabino Kook foi uma liderança rabínica, um filósofo, um pensador que fundamentou grande parte de sua ideologia em livros de mística judaica e literatura rabínica clássica. Como teórico, o Rabino Kook fez uma leitura positiva e entusiasmada dos acontecimentos históricos de sua geração. Mas isto não significa que considerava sua visão de mundo possível de ser implementada num horizonte de tempo tão próximo, no qual a estrutura e a base deste Estado ainda estão se consolidando.

Seus ensinamentos devem guiar e inspirar os passos do Sionismo Religioso como uma bússola, indicando os grandes ideais nacionais, morais e espirituais que o povo almeja atingir. Ao mesmo tempo, pela magnitude e intensidade de suas ideias, deve haver um cuidado extremo para não desvirtuar nem querer forçar uma realidade, evitando criar um descompasso entre os ideais almejados e a realidade histórica tão importante e, ao mesmo tempo, tão recente.

#### Bibliografia

AMITAL, Rabbi Yehuda. What is the meaning of “Reshit Tsemihat Ge’ullatenu”? *Tradition* 39:3, Fall 2006, Rabbinical Council of America, New York, pp. 7-14.

ARAN, Gideon. *Jewish Zionist Fundamentalism: the Bloc of the Faithful in Israel (Gush Emunim)*. *Fundamentalisms Observed*. Edited by Martin E. Marty and R. Scott Appleby. Chicago: University of Chicago Press, 1991, pp. 265-344.

BELFER, Ella. *BeTzipiyat HaYeshuah HaShlemah*. Tolerance, dissent and democracy. *The Orthodox Forum*. New York: Jason Aronson 1994, pp. 311-361.

DON-YEHIYA, Eliezer. *The book and the sword: The nationalist Yeshivot and political radicalism in Israel. Accounting for fundamentalists: the dynamic of movements.* Chicago: University of Chicago Press, 1994, pp. 264-302.

GOLIKIN, Rabbi Professor David. *Prayers for the government and the State of Israel.* Volume 6, Issue No. 9, May 2006. Schechter Institute of Jewish Studies in Jerusalem.

KOTLER, Carmia. A língua hebraica e o nacionalismo judaico. *Revista Vértices*, [S.l.], pp. 97-109, out. 2011. ISSN 2179-5894. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/vertices/article/view/21>>.

SAFRAN, William. The Jewish diaspora in a comparative and theoretical perspective. *Israel Studies*, volume 10, number 1, spring 2005, pp. 36-60.

SCHWARTZ, Dov. Kol Dodi Dofek: a religious-zionist alternative. *Tradition*, Vol. 39, Number 3, Fall 2006. Rabbinical Council of America, pp. 59-72.

WAXMAN, Chaim I. Messianism, zionism and the State of Israel. *Modern Judaism*, Volume 7, Number 2, Oxford University Press, May 1987, pp. 175-192.